

Inesquecível

Porque razão ela começara a esconder os pezinhos de meu olhar, que era só de casual admiração eu não sei dizer ainda hoje.

Não consegui o mesmo intento para os olhos verde água ou não os quis fechar. Ainda que o fizesse, eu já os fotografara, em memória e máquina, furtivamente, pensei ter sido. O brilho intenso dos seus olhos, não esqueço.

As mãos, dedos longos, finos, delicados, pousados sobre as pernas, as coxas explodindo as costuras do jeans. Quem sabe dizer como pessoas assim vestem desse modo as roupas? A tese é que costuram no próprio corpo, já em posição de vestir...

Parecia esculpida, ela. Linda, talhada em madeira fina, adornada de metais e pedras raras, entre elas a que me é mais cara. Safira era o nome escrito no caderno que apertava contra o busto. Para esconder os seios? Ou por assim sempre ser.

Eu não considerei que a encarasse ou a asustava, pensara, pareceu-me ter bem dissimulado, imperceptível. Ela, no entanto, percebi tarde demais, fazia o mesmo comigo. Eram pés pequenos, delicados os dela. Formosos até se podia dizer deles, contidos por sapatinhos singelos, baixos, também verdes.

Ah! Teriam sido postos para combinar?

Inesquecível visão do paraíso. Parecia-me, agora, quando novamente pude ver-lhe os olhos, grandes, redondos e, surpreso, pensei que piscavam para mim, insinuantes.

Descombinavam encantadoramente da blusinha mostarda e do jeans azul claro, também da echarpe multicolor, harmonioso conjunto, no entanto... também bonitos.

Teria mesmo piscado de modo insinuante ou a minha imaginação, querendo, voava? Iludia-me, por certo!

Os cabelos lisos, louros, finalizam, longos, em caracóis discretos. Escová-los, acariciá-los, percebia-se poder aproximar-se ao delírio, às delícias raras, suaves que se apresentavam.

Os pezinhos mexeram-se rápidos e se formaram para sustentar o corpo levantando do banco do ônibus à minha frente, desses um contra o outro. Fitei-os entristecido com a perspectiva da perda se anunciando. E só então os percebi prisioneiros de tirinhas finas no sapato, o que não vira ainda, até aquela hora. E os apertavam aquelas tiras a ponto de fazer aparecer, por certo como protesto, marcas; ténues saliências à semelhança de quando se pressiona leve finíssima esponja.

Seria uma bailarina? Que linda bailarina seria ela, fantasiei imaginando-a em elegane pliêu.

Levantei.

Segui-a até a saída do ônibus. Docemente, piscou os grandes olhos verde água. E deu-me um leve abano de mão.

Congelei.

O ônibus partia enquanto a via sorrindo graciosamente, ainda em minha direção, mas já acompanhada de um outro homem, que lhe passara o braço à cintura e a beijara suave no rosto.

Não mais a vi. Nunca a esqueci.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/inesquecivel>